

acontece

Greve nos serviços de saúde privados da Corunha

5

os pés na terra

Alba Nogueira: "A 'Xunta' quer satisfazer às elétricas"

6

a terra treme

Entrevista com a poeta palestina Rafeef Ziadah

12



8-11

leandro lamas

Altri na Ulhoa: mar e terra em risco

Ecologistas e vizinhança denunciam que a planta da Altri projetada para Palas de Rei terá um forte impacto na comarca da Ulhoa. Mas não só, as afeções chegariam ao rio Ulha e, portanto, afetariam as águas da ria de Arouça. Ademais, o seu consumo anual de água será o equivalente a uma cidade de 350.000 habitantes

A TERRA TREME / 14

“A Revolução começou na luta anticolonial”

50 anos após a Revolução dos Cravos, fazemos uma revisão do processo com a historiadora Raquel Varela, perita na história do povo. Da conversa pegamos uma ideia muito diferente da comum imagem da Revolução como um processo dirigido pelo Movimento das Forças Armadas, os partidos ou os sindicatos. Descobrimos, então, um processo de grande poder popular iniciado anos atrás nas colónias africanas e movimentado de baixo para cima.



Carlos Pazos Justo e Roberto Samartim

coordenadores de
'50 anos de Abril na Galiza'

lucia cernadas

“Tem de ser difícil nom idealizar umha revoluçom enfeitada de flores como o 25 de abril”

j. r. gómez

Com a pretensão de “contribuir para uma maior aproximação ao processo histórico, resgatando também algumas memórias portuguesas e galegas”, Roberto Samartim (RS) e Carlos Pazos Justo publicam 50 anos de Abril na Galiza, editado sob a chancela da Através. Roberto é docente na Universidade da Corunha, onde pertence ao Grupo de Estudos Territoriais; e Carlos exerce na Universidade do Minho (Braga) e preside a ‘Asociación Internacional de Estudos Galegos’.

Conseguiram-se os objetivos procurados neste livro?

Carlos Pazos Justo (C.P.J.): Penso que sim. A ideia era assinalar os cinquenta anos da Revolução dos Cravos também na Galiza, vinculando-nos, dalgumha forma, a um conjunto de iniciativas que, sobretudo em Portugal, comemoram a data e o seu significado. Há ainda outro objetivo mais pessoal que nom queria deixar de destacar: este livro permitiu-nos voltar a trabalhar juntos e comprovar como, por vezes, como dizia um amigo, o tempo passa em balde...

Roberto Samartim (R.S.): Isso é muita verdade.

Afirmam ter “uma querência particular pelo 25 de Abril e pelo que significou, em

termos políticos mas também éticos e estéticos”, como é isso?

C.P.J.: Para alguns, o 25 de Abril de 1974 está ligado a umha série de ideias e até de emoçoms que nos falam de que um mundo melhor é, ou era, possível.

O ‘Grândola’, icónica cançom de Abril, atualiza modelarmente, creio, esse mundo de ideias e emoçoms.

R.S.: Abril evidencia essa possibilidade e também fornece um modelo a imitar, e invejar, ao antifranquismo galego, sobretudo à mocidade. Tem de ser difícil, nos setenta ainda mais que hoje, nom idealizar umha revoluçom enfeitada de flores, a acontecer no outro lado do mesmo rio, que canta “o povo é quem mais ordena” e consegue acabar de vez com umha guerra e umha ditadura.

Quais fôrom os principais vínculos do 25 de abril com a Galiza?

R.S.: Vários textos do livro referem a multiplicidade de contactos e apoios de diferente tipo que

chegaram à Galiza do Portugal revolucionário, muitos ainda hoje ativos. O 25 de Abril deixou a maioria da populaçom expetante, abrandou as relaçoms com Portugal do galeguismo mais culturalista e ordeiro, e converteu o país vizinho num espaço de segurança e solidariedade onde a esquerda foi aprender a fazer a revoluçom.

Para muitas pessoas surpreenderá a ascendência galega de Manuel Durán Clemente, um dos ‘capitães de abril’. Como foi a sua participação?

C.P.J.: Tivemos conhecimento da ascendência galega e do percurso do Capitám Duran Clemente através das redes sociais. Desde o primeiro contacto a resposta dele foi sempre de grande disponibilidade e abertura.

O Manifesto pola sobrevivência da Cultura Galega, também de 1974, tem presença de relevo neste volume: como o valorizam?

R.S.: Queríamos atender no livro o aniversário da publicaçom desse manifesto. É sabido que a sua recepçom nom foi entusiasta, nem da parte do gale-

“O mundo em português poderia ter sido umha valiosa ajuda para o galego, mas nom parece que se caminhe nessa direçom”

guismo nem do nacionalismo. Cinquenta anos depois, as posiçoms nom parecem ter mudado assim tanto como para que um manifesto similar, colocando no centro a unidade linguística galego-portuguesa, fosse ter umha receçom substancialmente diferente.

Afirma-se no livro que, na atualidade, a situaçom da língua galega é pior que em 1974, concordam com isso? Como melhorar?

C.P.J.: A meu ver, o processo de substituiçom linguística e, paralelamente, de dialetalizaçom no âmbito do espanhol é forte e sem remédios à vista. O mundo em português poderia ter sido umha valiosa ajuda mas nom parece que se caminhe nessa direçom.

R.S.: O nível de institucionalizaçom é superior ao que o galego tinha em 1974, claro. Mas o regime autonómico deixa um balanço desfavorável tanto para a extensom como para a qualidade do uso: quebra na transmissom, substituiçom e interferência linguística estám desenfreadas. Várias decisoms tomadas, e a relaçom de forças, explicam a situaçom e podem parecer dificilmente reversíveis. Foi a aliança de regionalistas e autonomistas o que nos trouxe até aqui; nom está claro como sairemos, ou para onde queremos ir. Parece-me que o nacionalismo nom implementou (ainda?) umha política linguística diferenciável a partir dos espaços que ocupa ou (co)governa; e creio também que no reintegracionismo, desde as nossas periferias e fraquezas, quiçá tenhamos de repensar estratégias e alianças. É tempo de construirmos colaborativamente um programa alternativo e atrativo, e umha rede capaz de socializar outra ideia de língua, comunal e nom subalterna.

Como docentes e investigadores têm colaborado em projetos conjuntos galego-portugueses. Como resultárom?

C.P.J.: Apesar de residir e trabalhar há mais de 20 anos em Braga, por objetos de estudo concretos ou por responsabilidades de gestom académica, os projetos de natureza galego-portuguesa som um elemento constante no meu percuso académico, e ainda bem. Para além dos trabalhos que desenvolvemos na Rede

Galabra [de estudos culturais galego-luso-africanos-brasileiros], participo atualmente, por exemplo, num projeto promovido por colegas da Faculdade de História da USC acerca da emigraçom galega a Portugal. Hoje existem mecanismos pensados para dinamizar as colaboraçoms académicas aos dous lados do Minho, como o Programa Iacobus, Centro de Estudos Euro-Regionais Galiza-Norte de Portugal, e mais. O senão, a meu ver, é a eurorregionalizaçom do contacto.

R.S.: Essa é uma linha de trabalho e reflexom mui satisfatória. Parece-me que é um âmbito de estudo do qual pode surgir conhecimento valioso para a planificaçom político-cultural da Galiza do futuro.



charo lopes

Carlos Pazos Justo e Roberto Samartim revisitam e valorizam o significado e as repercussoms da Revoluçom dos Cravos. Reúnem sete contributos especializados da Galiza (de Elias Torres, Fernando Martínez Arribas, Martinho Montero Santalha, Manuel Mera, Margarita Ledo, Felisa Rodríguez Prado e Vicente Araguas) e cinco de Portugal (de Alexandra Paz, Fernando Rosas, Henrique Barreto Nunes, Manuel Duran Clemente e Sónia Duarte), que acompanham de muito valiosa documentaçom e iconografia. É um livro de enorme interesse para aquém e além Minho.

Pertencem à primeira promoçom (1994-1998) de Filologia Galega, na Universidade de Santiago de Compostela. Se pudessem retroceder no tempo, escolheriam de novo esta carreira?

C.P.J.: Da minha passagem pola USC, também por Filologia Portuguesa, guardo boas lembranças e amizades. No meu caso, mantenho ainda laços fortes profissionais e amicais com antigas colegas e professoras, especialmente no âmbito da Rede Galabra.

R.S.: Licenciemo-nos em finais do século e continuamos à sombra da mesma árvore. Nom tenho queixa. ●

Nébeda Piñeiro

pandeireteira
e professora

“Fujo das coplas que perpetuam o machismo”

elena martín lores
elenamartinlores@novas.gal

Nébeda Piñeiro é pandeireteira, etnógrafa, professora e desenhadora gráfica. Todo um

abano de aptitudes e paixóms que case sempre acabam girando ao redor da música tradicional galega.

Como entrache em contacto com a música tradicional?

A verdade é que nom fum mui precoce. Na minha casa sempre escutámos música tradicional mas eu comecei a tocar a pandeireta com quinze anos. Comecei em Bueu, onde nasci, e depois fum passando por diferentes associaçõs, como Traspés em Vigo. Mudei para Compostela e agora sou pandeireteira de Cantigas e Agarimos, na parte mais folclórica. Som ainda vocalista de um grupo que se chama Cantometrics, que é polo que estou aqui no paço Marinhám agora mesmo numha residência artística; som professora de canto e pandeireta e diretora de Lina e Lola, que vêm de colaborar com Caamaño e Ameixeiras. Muitas cousas!

E fas trabalho de recolha.

Fizem recolha, mas nom é fácil compagnar com a docência. Normalmente vai-se nos finais de semana, que é quando costume estar bastante enleada com aulas e concertos. Mas gosto de encontrar um oco para continuar indo. Porque, apesar do que diga o discurso oficial, há ainda cousas por recolher. Há gente viva que recorda os cantares que receberam das suas mães e avós. Cada vez menos, obviamente, é lei de vida, mas há.

Quando recolhias, como era o processo?

Íamos uma equipa de várias pessoas, umha com o vídeo, outra com o som e outra para entrevistar. Numha entrevista etnográfica faz falta iniciar umha relação de confiança com a informante. Por outra parte, às vezes vas como à aventura e outras vas guiada polos que foram antes do que tu. Mas é um labor árduo, que requer muito tempo e dedicaçom, e pode ser frustrante quando voltas para casa sem conseguir, entre aspas,

nada. Mas também é mui satisfatório, porque a gente nom só transmite cantares, como também liçons de vida.

Numha atuaçom de Lina e Lola falavas de que nom é banal a eleiçom das coplas, que podes contar sobre isto?

Eu som umha amante da lírica de tradiçom oral. Umha obsesionada, diria. E para mim isto é básico e tem muito a ver coa nossa forma de entender o mundo. Nom é igual cantar umha copla que outra, nem ensinar umha copla que outra. Tento que sejam em galego, ainda que às vezes deixo-me levar pola parte puramente estética e canto algumha em castelhano, se me parecem bonitas. Mas, sobre tudo, tento fugir dessas coplas que perpetuam roles patriarcais, de machismo, misogínia... Entendo que estejam nos cancioneiros escritos, mas pola minha parte nom as vou reproduzir de forma oral. Nem nas minhas alunas.

Como crês que está mudando a música tradicional?

A pergunta do milhom. Penso que de modo mui positivo. Na minha vida som de natureza cética, mas quanto à música tradicional creio que a mudança está sendo para a melhor. A gente está cada vez mais consciente do que fai e do que nom quer fazer. Nesse aspeto estou contente. Também o noto no alunado, que nos últimos anos está sendo mais ativo ao de defender certas cousas e de ser intolerante com outras.

Para rematar, nom sei se queres fazer um resumo de tudo o que fazes.

Além do que comentei, fago trabalhos de design gráfico. Fizem por exemplo os primeiros discos de Caamaño Ameixeiras e de Xabier Díaz e algum trabalho para Guadi Galego. É esporádico mas é a minha outra paixom, além da etnografia. E isto combinado com a música, o ensino e Lina e Lola, que só me dam alegrias.

inés duport

Para as indóceis (quando cuidam)

Marga Tojo

Para as indóceis, a única forma de aprender a distinguir que cousas terríveis aceitar e contra quais revolver-se consiste em tocar o risco assimétrico das feridas e meter os dedos até abrir um sendeiro pelo qual atravessar. Compreender-se rota entre outras rotas, algumas sem saber. Reconhecer-se monstria, salva pela autocostura, zurzido ou gandojuo.

Para as indóceis, cuidar doutros seres dependentes, pequenos e maiores, torna-se um território que conflui perto do limite de um de tantos precipícios. Saber que às vezes dói e fede, que consome horas. Faz-se difícil enxergar o lindeiro do que é são aceitar e contra que revolver-se. Não há guião além de dois polos opostos: o imposto às mulheres como únicas provedoras de cuidados e aquele que se rebela e nega a condição.

Há que ser muito valente para habitar o meio de um campo de batalha que ocupa tudo. Acordar cada manhã e que na agenda esteja continuar, ser produtiva, resolutive, amável, amorosa, simpática, criativa, *sexy*, generosa e querer-se. Para as indóceis o razoável seria queimar tudo.

Porque a objetividade é o nome que se dá à subjetividade masculina, não tragamos que se nos diga que nos toca. Por exemplo, Alice Munro publicou o seu primeiro livro de contos aos 37. Escrevia contos e não romances porque não tinha tempo para mais enquanto criava. Logo depois ganhou um Nobel. Está bem questionar os discursos que promovem a preeminência do filho no século XXI como advertência ao fecho doméstico, mas ninguém quer isolar-se, devemos assinalar os porquês. Machismo, violência, questões de classe.

As indóceis que falamos com a autoridade do fracasso sabemos que é necessário o equilíbrio de aceitar e ao mesmo tempo revolver-se, jamais acomodar-se. Até mesmo na dor do inevitável há vida que floresce de algum modo, ainda que não seja o esperado.